

## **14039 - Desafios para a construção do conhecimento agroecológico com abordagem de gênero em uma universidade pública brasileira**

*Challenges for the construction of agroecological knowledge with gender approach in a Brazilian public university*

AGUIAR, Maria Virgínia de Almeida<sup>1</sup> e JALIL, Laeticia Medeiros<sup>2</sup>

1 Núcleo de Agroecologia e Campesinato; Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, [mvirginia.aguiar@gmail.com](mailto:mvirginia.aguiar@gmail.com); 2 Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido, Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, [laeticiajalil@gmail.com](mailto:laeticiajalil@gmail.com)

**Resumo:** A Agroecologia, como campo de conhecimentos comprometido com a sustentabilidade, apresenta o desafio de incorporar a temática das desigualdades de gênero vividas pelas trabalhadoras rurais e pescadoras, na vida social, cultural, econômica, na atividade produtiva e na construção do conhecimento. Assim, desde 2010, na UFRPE, o tema gênero foi incluído em algumas experiências de ensino, pesquisa e extensão em Agroecologia. O desafio percebido é incorporar o tema na prática da educação formal, colaborando para uma leitura problematizadora e desnaturalizadora da realidade, bem como a superação da fragmentação do conhecimento na Agroecologia, que separa a dimensão produtiva de outras dimensões da vida social.

**Palavras chave:** educação formal; mulheres trabalhadoras rurais; Agroecologia.

**Abstract:** Agroecology, as a field of knowledge committed to sustainability, has the challenge of incorporating the gender inequality experienced by farmer women theme, in social, cultural and economic life, in the productive activity and in construction of knowledge. Thus, since 2010, in UFRPE, the gender theme was included in experience of teaching, research and extension in Agroecology. The challenge is to incorporate the theme in formal education, aiming a problematizing read of reality and overcoming of knowledge fragmentation in agriculture, which divides the productive dimension of important aspects of social dimension.

**Keywords:** formal education; woman farmers; Agroecology;

### **Contexto**

A formação profissional em ciências agrárias e humanas realizada por instituições de ensino superior geralmente vinculam seus projetos políticos pedagógicos a uma perspectiva onde predomina um enfoque tecnicista e economicista, e desconsideram a diversidade existente no rural, em especial, as diferentes formas de existência da agricultura familiar e camponesa, bem como seu conhecimento e suas formas de reprodução, resistência e mobilização. A produção acadêmica geralmente toma este segmento de produtores como uma unidade de análise genérica. Ao mesmo tempo, apaga a diversidade de posições comumente assumidas pelas mulheres agricultoras frente a recursos materiais e políticos (NEVES & MEDEIROS, 2013).

Este segmento de produtores é visto como uma unidade homogênea, harmoniosa e sem conflitos e desconsidera-se as relações desiguais de poder percebidas entre homens e mulheres nas várias esferas da vida material e simbólica. Essa é uma visão essencialista que naturaliza o papel subordinado da mulher nas relações sociais pautadas no patriarcado como forma de organização da vida e, assim, invisibiliza todas as suas atividades, tanto na produção, quanto na reprodução (WEITZMAN, 2011). Outra questão é compreender que a categoria mulheres rurais guarda em si uma diversidade de situações complexas relativas à relação com os recursos naturais e à organização e trabalho. Shiva (1998) ressalta que a

contribuição das mulheres ao desenvolvimento e à conservação da biodiversidade é considerada como “não-trabalho” e “não-conhecimento”, pois está sob a lógica do patriarcado que subvaloriza e hierarquiza as mulheres e a natureza, apesar de estarem baseados em práticas culturais e científicas complexas.

Por outro lado, não raras vezes, a universidade brasileira desenvolve práticas sexistas e discriminatórias em relação à mulher, na medida em que, em suas ações, tende a seguir o modelo dominante de fazer ciência, em que estas questões sequer são abordadas.

Neste espaço de contradições, foram criados o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido (NEPPAS) e o Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC) - dedicados ao ensino, à pesquisa e à extensão com base a outras abordagens e temáticas, orientando-se pelos princípios teóricos e metodológicos da Agroecologia. Assim, reorientam sua prática educativa para contribuir com a mudança do paradigma dominante presente no ensino superior e procuram colocar em prática processos pedagógicos fundados em uma formação crítico-reflexiva, cultural, humanística, política, generalista e comprometida com o desenvolvimento rural com o protagonismo da agricultura familiar e a sustentabilidade da produção agropecuária, florestal e extrativa.

Frequentemente, as reflexões sobre gênero não são consideradas relevantes para o avanço da Agroecologia como ciência, como a dimensão do manejo técnico dos agroecossistemas (AGUIAR et al, 2009). No entanto, os Núcleos compartilham a ideia de que as mulheres assumem um importante papel na promoção da Agroecologia, na produção, beneficiamento e comercialização de alimentos agroecológicos, no desencadeamento de processos de desenvolvimento rural e na geração e disseminação de conhecimentos. Também partem da suposição de que, ao trabalhar à partir do referencial da Agroecologia, como campo de conhecimentos comprometido com as transformações para a sustentabilidade, não podem deixar de incorporar no processo educativo o tema das desigualdades de gênero vividas pelas trabalhadoras rurais, na vida social, na atividade produtiva e na construção do conhecimento.

As experiências destes núcleos se identificam com a “pedagogia descolonial” de Díaz M. (2010), que propõe uma leitura crítica da história, além de práticas educativas de carácter emancipatório, se abrindo para outras perspectivas de saber, outros conteúdos, metodologias e didáticas. Estas ideias convergem com Freire (1997), que considera que uma educação como prática para a liberdade deve buscar o reconhecimento das relações de poder, para questioná-las e reafirmar a autonomia dos sujeitos sociais no processo de reconstrução da realidade.

Assim, desde 2010, o tema gênero foi incluído nas atividades realizadas por estes Núcleos. Destacamos três iniciativas: 1. A Especialização “Convivência com o Semiárido na Perspectiva da Segurança e Soberania Alimentar e da Agroecologia”; 2. O Seminário “Gênero e Agroecologia: Diálogos entre a Universidade e as Experiências de Mulheres Agricultoras” e; 3. O Projeto “Participando Sem Medo de Ser Mulher”. Passamos a apresenta-las.

### **Descrição da Experiência**

As experiências foram realizadas pelos dois Núcleos, e tiveram caráter interdisciplinar, interdepartamental e intercampus, e um intenso diálogo com as organizações, grupos e movimentos sociais da sociedade civil.

### **Especialização “Convivência com o Semiárido na Perspectiva da Segurança e Soberania Alimentar e da Agroecologia”**

A especialização foi proposta para formar profissionais para contribuir com o desenvolvimento sustentável do Semiárido na perspectiva da segurança alimentar e da Agroecologia. O curso foi realizado a partir de uma abordagem construtivista e considerou o potencial socioeconômico e ambiental da região como dimensão central, mediado pelo conceito de Convivência com o Semiárido.

Foi realizado em regime presencial, organizado em módulos compostos por atividades teóricas e práticas, intercalados com atividades de pesquisa em comunidades rurais. A matriz curricular foi organizada em seis módulos, com quatorze disciplinas. Um dos módulos - Cultura, relações sociais e segurança e soberania alimentar - se dedicou ao tema das relações sociais de gênero (30 horas), onde foram trabalhadas as disciplinas: Relações sociais de gênero no contexto da agricultura camponesa no Semiárido e; O papel da mulher camponesa e da juventude na construção da segurança e soberania alimentar. Dedicaram-se ao estudo das relações sociais na sociedade brasileira contemporânea, enfocando a divisão sexual do trabalho no meio rural e a ordem patriarcal na agricultura camponesa. Ressaltou-se a participação das mulheres no trabalho produtivo e reprodutivo, dando ênfase às suas ações e práticas para a promoção de segurança alimentar. Também foi trabalhada a ideia das mulheres e da juventude rural como “novos” sujeitos políticos do mundo rural.

Os/as estudantes realizaram uma sistematização e um artigo sobre experiências agroecológicas de famílias agricultoras que têm contribuído para a segurança alimentar e a convivência com o Semiárido, sendo que várias delas tiveram as mulheres agricultoras como protagonistas. Também foram feitos esforços para que a abordagem de gênero fosse incorporada de forma transversal nos demais módulos e que houvesse equidade entre os participantes do processo, com uma ação afirmativa para participação de mulheres estudantes e a distribuição equitativa de gênero entre os educadores, com a participação de educadoras de várias áreas do conhecimento, inclusive agricultoras.

### **Seminário “Gênero e Agroecologia: Diálogos entre a Universidade e as Experiências de Mulheres Agricultoras”**

Este seminário foi realizado pelos dois núcleos em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher (NUPEM/UFRPE). Teve a participação, na sua maioria, de mulheres, fossem elas educadoras, estudantes, gestoras, trabalhadoras rurais e pescadoras. Foi proposto para ser um espaço de extensão que possibilitasse o intercâmbio entre a academia e as experiências das trabalhadoras rurais e pescadoras e os movimentos sociais rurais, de mulheres e feminista, permitindo a troca de saberes, a aproximação à realidades concretas e a definição

de novas questões para a pesquisa e a extensão. Também promoveu a formação sobre as temáticas.

Com o objetivo de visibilizar, conhecer e aprender com as experiências agroecológicas protagonizadas por mulheres rurais de Pernambuco foram convidadas doze mulheres da Zona da Mata, do Agreste e do Sertão, que representam diferentes etnias (quilombolas e indígenas), atividades produtivas (agricultoras e pescadoras), inserções ao mercado, conflitos (pela terra e os recursos da pesca) e participação em movimentos sociais (das mulheres trabalhadoras rurais, quilombola, sem terra e indígena). Partiu-se da suposição de que as experiências agroecológicas protagonizadas pelas mulheres se manifestam, seja na luta pela terra, seja no uso tradicional dos recursos naturais, seja na produção de base ecológica e na inserção aos mercados diferenciados e/ou solidários, seja na luta pelo reconhecimento do seu trabalho e pela não violência contra as mulheres. Também foram apresentadas algumas iniciativas de ensino, pesquisa e extensão da UFRPE junto a mulheres agricultoras.

### **Projeto de pesquisa e extensão “Participando Sem Medo de Ser Mulher”**

Este projeto está sendo desenvolvido pelo NEPPAS desde 2011 e busca compreender o significado da participação política das agricultoras, assim como contribuir para qualificar sua atuação nos espaços públicos. Inicialmente foi identificado o perfil dos grupos produtivos de trabalhadoras rurais localizados no Território da Cidadania do Sertão do Pajeú, no município de Santa Cruz da Baixa Verde e, finalmente, começou a realizar atividades junto ao Grupo Produtivo Mulher Flor do Campo.

O projeto se baseia em uma metodologia qualitativa e na pesquisa-ação, onde busca identificar como as trabalhadoras rurais organizadas se percebem no processo de construção de direitos e da democracia, e identificar quais fatores sociais, políticos, econômicos e culturais estariam dificultando ou potencializando o funcionamento do grupo produtivo.

Foram realizadas capacitações sobre gênero, participação política e Agroecologia, de modo a contribuir com o reconhecimento e fortalecimento dos grupos, nas dimensões econômica, política, social e institucional, orientadas por uma pergunta problematizadora - Qual a importância destes grupos para a transformação das relações de gênero no meio rural? Também foram realizados intercâmbios entre grupos de mulheres, sistematização de experiências, estímulo à participação em seminários nacionais e regionais, acompanhamento a algumas atividades como feiras, os conselhos municipais de desenvolvimento rural sustentável e no sindicato de trabalhadores rurais.

### **Resultados**

Todas as atividades realizadas pelos Núcleos procuraram tirar os saberes científicos convencionais do centro das reflexões, propiciando o protagonismo das trabalhadoras rurais e pescadoras na geração de outros saberes válidos e legítimos. Nas três experiências, houve uma aproximação das mulheres com a universidade, que antes era vista por elas como um espaço inacessível. Estas mulheres passam a se sentir socialmente reconhecidas quando compartilham suas experiências dentro

de uma Universidade que sempre as excluiu ou as percebiam como “objetos de pesquisas” ou “beneficiárias”.

As estudantes envolvidas, principalmente no projeto de pesquisa e extensão, puderam vivenciar experiências de construção do conhecimento técnico protagonizadas por mulheres, desconstruindo hierarquias que atribuem a dimensão produtiva ao universo masculino. Na especialização, observou-se como desafio as limitações na formação de alguns educadores para incorporar estes temas de forma transversal no curso. A abordagem de gênero ainda produz resistências, principalmente entre os educadores, reduzido o debate a um discurso voltado para a complementariedade e desconsiderando as relações de poder, subalternidade e dominação existentes entre homens e mulheres. Com relação aos conteúdos trabalhados nas experiências é preciso avançar na problematização das políticas públicas como instrumentos de ação e intervenção, ora problematizadoras, ora naturalizadoras das questões de classe, gênero e etnia.

Devem ser feitos cada vez mais esforços para contribuir para a formação de profissionais dedicados à construção conceitual, metodológica e técnica da Agroecologia, proporcionando maior consistência teórica, maior capacidade de análise e de intervenção na realidade. Para isso, as experiências nos demonstram que devem ser consideradas: i) leitura problematizadora da realidade, seja da insustentabilidade da agricultura convencional, seja das desigualdades de gênero no meio rural; ii) busca de alternativas para o desenvolvimento rural e a produção de base ecológica para a agricultura camponesa; iii) adoção de práticas educativas que possibilitem que as mulheres produzam novos significados sobre si e a realidade constituída, desconstruindo conhecimentos que validam alguns saberes e deslegitimam outros, desnaturalizando hierarquias e estabelecendo um nova relação com a natureza.

Finalmente, um importante desafio refere-se a superação da fragmentação do conhecimento na Agroecologia, que separa a dimensão produtiva de aspectos importantes da dimensão social e da relação com a natureza e, entre os sujeitos envolvidos, o que possibilita também um olhar a partir das relações de poder. Assim, permanece o desafio da formação continuada de professoras/es para inserir o tema gênero de forma interdisciplinar ao conjunto de suas preocupações, bem como a continuidade dos trabalhos.

### **Agradecimentos**

Aos editais MCT-INSA/CNPq/CT-Hidro/Ação transversal nº 35/2010 e MDA/SAF/CNPq – Nº 58/2010 e ao Grupo Mulher Flor do Campo.

### **Bibliografia citada**

AGUIAR, M. V. de A.; SILIPRANDI, E.; PACHECO, M. E. Mulheres no Congresso Brasileiro de Agroecologia. *Agriculturas*. v. 6 - n. 4, dezembro de 2009. pp. 46-48

DÍAZ M., C. J. Hacia una pedagogía en clave decolonial: entre aperturas, búsquedas y posibilidades. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.13: 217-233, jul-dic 2010.

FREIRE, P. *Educação como prática pra liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

NEVES, D. P. & MEDEIROS, L. S. de (Org.). Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

SHIVA, V. El saber próprio de las mujeres y la conservación de la biodiversidade. In: Mies, M. & Shiva, V. (Org). La praxis del ecofeminismo. Barcelona: Icaria, 1998.

WEITZMAN, R. Mulheres na assistência técnica e extensão rural. In BUTTO, A. & DANTAS, I. (Orgs.) Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. Brasília: MDA, 2011. pp. 87-112.